

**DA RIGIDEZ À FLEXIBILIDADE DO GÊNERO LITERÁRIO:**  
RESENHA DO LIVRO *BAKHTIN AND GENRE THEORY IN BIBLICAL STUDIES*

*Felipe Carmo<sup>1</sup>*

O livro *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies* é uma antologia composta de ensaios que abordam a relação entre os estudos bíblicos e as teorias de gênero formuladas pelo círculo de Bakhtin<sup>2</sup>. O editor da obra, Roland Boer, é o encarregado do curso de “Literatura Comparada e Estudos Culturais” na *Monash University*, cidade de Melbourne, Austrália. Boer é reconhecido por escrever materiais nas áreas de estudos bíblicos, política e religião. Algumas de suas obras, recentemente, estão sendo traduzidas para o búlgaro, dinamarquês, alemão, sérvio e para o chinês, evidências de sua influência como escritor e conferencista nas áreas descritas.

Como argumentado na introdução ao livro, parece existir crescente influência dos estudos bakhtinianos em diversas áreas do conhecimento humano, a exemplo da crítica literária e da crítica pós-colonial (BOER, 2007, p. 3). De maneira similar, a obra *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies* seria uma evidência de que as teorias formuladas pelo círculo estariam colaborando com os estudos bíblicos em recentes abordagens de cunho literário. Ainda assim, diferentemente do que costumava-se classificar, as teorias bakhtinianas não estariam restritas apenas às “abordagens literárias” ou às “abordagens pós-modernas”: a obra pretende acrescentar à *crítica da forma* – método tradicionalmente utilizado nos estudos bíblicos – elementos teóricos que aprofundem a sua compressão sobre os gêneros literários, e não um método alheia à sua abordagem.

Entende-se que a crítica da forma procurou compreender o texto bíblico a partir da relação entre o gênero literário e o seu *Sitz im Leben*. Contudo, ambos os *foci*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Língua e Literatura Judaica pela Universidade de São Paulo (USP); especialista em Teologia Bíblica (2013) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC); e graduado em Teologia (2012) pela mesma instituição. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

<sup>2</sup> A expressão “círculo de Bakhtin” ou apenas “círculo” será utilizada como referência às obras responsáveis pela formulação das teorias elaboradas pelos estudiosos ligados a Bakhtin, independentemente de sua autoria.

separaram-se com o passar dos anos, abraçando diferentes prioridades na análise do texto bíblico. Com efeito, o aspecto sociológico dos gêneros literários foi minimizado, ao passo que seus aspectos gramaticais foram enfatizados em detrimento do primeiro (ver SOUZA, 2014; WEEKS, 2015). Portanto, *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies* partirá do pressuposto de que as teorias formuladas pelo círculo poderão aprofundar o conhecimento a respeito dos gêneros, visto que, da perspectiva bakhtiniana, não deve existir dissociação entre a obra literária e os fenômenos sociais (ver MEDVIÉDEV, 2012, p. 195-196); nas palavras de Boer, “a interseção entre o pensamento de Bakhtin e a crítica da forma é o gênero”<sup>3</sup> (BOER, 2007, p. 3, tradução livre), justamente por argumentar a favor deste como um fenômeno social e não genericamente a partir de suas formas.

Com essa premissa em mente, *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies* é introduzido por Roland Boer, que faz questão de definir termos como “narrativa dialógica”, “polifonia”, “carnaval”, entre outros utilizados pelo círculo, a fim de que a obra seja lida como um todo. Boer também apresentará os objetivos principais do livro, como descrito acima, e uma breve resenha dos capítulos que o compõem.

O primeiro capítulo, “*Dialogue in and among genres*”, de Martin Buss, trará ao leitor, à moda bakhtiniana, uma maneira de abordar os gêneros literários na Bíblia. Buss, após definir gênero como “maneiras mais ou menos úteis de tratar, em conjunto, fenômenos literários similares”<sup>4</sup> (BUSS, 2007, p. 9, tradução livre), passa a identificá-los a partir de situações particulares da vida israelita. É importante pontuar que Buss procurará não somente entender os gêneros em seu contexto social, mas atribuir aos mesmos um aspecto dialógico. Posteriormente, no capítulo “*Spying Out the Land: A Report from Genology*”, Carol A. Newsom demonstrará a trajetória teórica percorrida pelos gêneros literários, exemplificando como seu conceito foi construído. Em suma, Newsom observará as abordagens anteriores de forma crítica, apontando, principalmente, o seu aspecto “classificatório” como negativo. A autora alegará ter a impressão de que, na próxima década, a criatividade no estudo sobre gêneros literários ocorrerá “como uma

---

<sup>3</sup> “the meeting point between Bakhtin’s thought and form criticism is that of genre.”

<sup>4</sup> “Genres are more or less useful ways of treating similar literary phenomena together.”

intercessão entre a compreensão bakhtiniana e aquelas que encontram-se em diálogo com a teoria cognitiva”<sup>5</sup> (NEWSOM, 2007, p. 30, tradução livre).

No terceiro capítulo, “*Power, Eros, and Biblical Genres*”, de Christine Mitchell, o gênero literário é descrito a partir de uma ação que obtém efeitos específicos, baseando-se no conceito foucautiano de *eros*. Após alguns exemplos, Mitchell (2007, p. 42, tradução livre) compreenderá o gênero literário como um “efeito”, de forma que *eros* ocorre como um “poder [que] atua no gênero com o objetivo de alcançar o efeito do gênero”.<sup>6</sup>

Barbara Green, no capítulo “*Experiential Learning: The Construction of Jonathan in the Narrative of Saul and David*”, utilizará os conceitos de dialogismo para entender a relação de Jônatas com Saul, seu pai. Em tese, Green (2007, p. 43, tradução livre) afirma que “Jônatas, inicialmente, adota uma postura, mas termina alterando-a; um aprendizado que está disponível a nós em detalhes linguísticos cuidadosos.”<sup>7</sup> Em outros termos, a autora entenderá as conversações entre Jônatas, Davi e Saul como um processo de aprendizado, onde príncipe reconhece, por experiência própria, a culpabilidade de seu pai.

O capítulo “*Location, Location, Location: Tamar in the Joseph Cycle*”, de Judy Fentress-Williams, compreenderá a interrupção narrativa de Gênesis 38 a partir de temas como “encontro” e “reconhecimento”. A partir de ferramentas teóricas desenvolvidas pelo círculo, Fentress-Williams (2007, p. 68, tradução livre) conclui que “a localização da história de Tamar estabelece um encontro/embate com a história de José, e está à disposição do leitor reconhecer a função da narrativa [...] A cronologia da narrativa não é a única maneira de dar continuidade à ela”.<sup>8</sup> A autora demonstra como o vestuário e a utilização das palavras, tanto para José quanto para Tamar, são úteis para “revelar” ou

---

<sup>5</sup> “I suspect that the most creative work in genology in the next decade will take place at the intersection of the Bakhtinian understanding of genre and that which is developing in conversation with cognitive theory.”

<sup>6</sup> “Genre, then, is an effect, an operation. Power operates on genre in order to archive the genre effect; that power is motivated by eros.”

<sup>7</sup> “My thesis is that Jonathan initially articulates one stance but ends up with quite another, an education which is available to us in careful linguistic detail.”

<sup>8</sup> “The location of the Tamar story forms a meeting/encounter with Joseph story, and it is up to the reader to recognize the function of the narrative. [...] The chronology of the narrative is not the only way to follow the narrative.”

“ocultar”, apresentando o herói (ou a heroína) como aquele que perscruta o que está velado, e não apenas o que pode ser visto.

No capítulo “*Dialogic Form Criticism: An Intertextual Reading of Lamentations and Psalms of Lament*”, Carleen Mandolfo demonstra como o autor de Lamentações abordará os salmos de lamentação como entidade dialógica. Mandolfo argumenta que o salmo de lamentação possui duas vozes: a do suplicante em 1ª pessoa, e a didática em 3ª pessoa, utilizada para manter a integridade da divindade. Nos versos encontrados no livro Lamentações, a autora considera que a voz didática seria alterada para um tom mais subversivo, atacando a equidade divina.

Em “*Polyglossia and Parody: Language in Daniel 1–6*”, David M. Valeta utiliza os conceitos de heteroglossia/poliglossia para compreender o problema da diferenciação de línguas em Daniel 2:4b–7:28 (aramaico) em contraste com as porções 1–2:4a e 8–12 que a rodeiam (hebraico). Por fim, Valeta (2007, p. 108, tradução livre) concluirá que as múltiplas vozes apresentadas em línguas diferenciadas em Daniel 1–6 “exibem diversos níveis de ironia, paródia e humor [...] [a mensagem] oferece uma resistência subversiva ao império e àqueles que o apoiam de maneira hilária”<sup>9</sup>, principalmente quando lidas como uma unidade.

Michael E. Vines, em “*The Apocalyptic Chronotope*”, demonstra como as teorias do círculo podem auxiliar na definição do gênero apocalíptico, em contraste com outras definições mais correntes, acusadas pelo autor de “fundamentalmente incorretas”<sup>10</sup>, pelo excesso de formalidade (VINES, 2007, p. 116, tradução livre). Em concordância com o pensamento bakhtiniano, Vines assume que o gênero representa uma cosmovisão específica, argumentando que o cronotopo de apocalipse é temporal e espacialmente ilimitado a partir do ponto de vista divino; o ser humano seria incapaz de atuar em prol de sua própria salvação, exigindo a interferência de Deus na história.

No capítulo de Christopher C. Fuller intitulado “*Matthew’s Genealogy as Eschatological Satire: Bakhtin Meets Form Criticism*”, o autor se utiliza do conceito de

---

<sup>9</sup> “The loosely construed narrative exhibit varying degrees of irony, parody, and humor [...] [the message] offers a hilariously subversive resistance to empire and any who support it.”

<sup>10</sup> “fundamentally wrong.”

cronotopo para interpretar a genealogia presente em Mateus 1:1-17. Fuller explica a maneira como espaço e tempo são concebidos, assumindo a porção como uma paródia do gênero de genealogia, justamente por este carregar a memória do passado como um elemento significativo para o presente, já que o texto de Mateus carrega consigo figuras subversivas.

Em “*Bakhtin’s Dialogism and the Corrective Rethoric of the Johannine Misunderstanding Dialogue: Exposing Seven Crises in the Johannine Situation*”, de Paul A. Anderson, o autor combina a crítica retórica com a noção bakhtiniana de dialigismo a fim de compreender o quarto evangelho. Ele argumentará que Jesus Cristo, a partir da tradição socrática, dialeticamente corrigirá diversificados grupos que não compreenderam o seu Reino e seu ministério. O capítulo que se segue, “*Libaration Story or Apocalypse? Reading Biblical Allusion and Bakhtin Theory in Toni Morrison’s Beloved*”, de Bula Maddison, demonstra como o êxodo bíblico é subvertido na narrativa e exposto com o intuito de representar uma tragédia ao invés de uma história de libertação. A travessia do Mar Vermelho ocorre de forma semelhante à travessia americana que comportava 60 mil escravos – episódio em que todos os tripulantes morrem, conhecido como o “holocausto americano”. Maddison alega ser a Bíblia um gênero, entre outros, que interagem na obra.

O capítulo “*Response – Beyond Formalism: Genre and the Analysing of Biblical Texts*”, de Keith Bodner, primeiro artigo-resposta do livro, levantará uma crítica a quatro dos artigos anteriormente apresentados: o de Mitchell, Green, Fentress-Williams, Mandolpho e Valeta. Para o autor, ambos os textos são elogiados por um aspecto em comum: eles estariam se apropriando das teorias bakhtinianas de maneira eficiente. Todos eles pretendem ir além do método crítico formal; cada um deles emprega exemplos úteis à argumentação que propõem. Bodner acrescentará aos argumentos dos autores outros exemplos que fortalecerão suas considerações.

Por fim, o capítulo “*Response – Using Bakhtin’s Lexicon Dialogicae to Interpret Canon, Apocalyptic, New Testament, and Toni Morrison*”, de Vernon K. Robbins, escreverá uma resenha positiva dos capítulos de Buss, Newson, Vines, Fuller, Anderson e Maddison. Além de elogiar a antologia como um todo, alegando ser útil e precisa na definição dos termos mais utilizados nos estudos bakhtinianos, Robbins alega: “uma vez

que os leitores leiam os capítulos neste volume do *Semeia Studies*, eles ainda terão muito o que aprender sobre Bakhtin”<sup>11</sup> (ROBBINS, 2007, p. 203, tradução livre), sugerindo que a abordagem bakhtiniana apresentada na obra, embora esclarecedora, ainda tem muito caminha pela frente.

Não seria exagero considerar a obra *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies* como um dos esforços mais pontuais e paradigmáticos entre as abordagens da Bíblia como literatura. O esforço pelo aprofundamento dos gêneros literários nos estudos bíblicos é muito recente na academia (SNEED, 2015) e, embora não esteja ainda disponível em língua portuguesa, a obra representa bibliografia fundamental para o aprofundamento da Bíblia a partir das perspectivas teóricas formuladas pelo círculo bakhtiniano.

---

<sup>11</sup> “Once readers complete the essays in this *Semeia Studies* volume, they still have much to learn about Bakhtin.”

**Referências bibliográficas:**

BOER, Roland. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

BUSS, Martin J. Dialogue in and among Genres. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

FENTRESS-WILLIAMS, Judy. Location, Location, Location: Tamar in the Joseph Cycle. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MITCHELL, Christine. Power, *Eros*, and Biblical Genres. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

NEWSOM, Carol A. Spying out the land: a report from genealogy. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

ROBBINS, Vernon K. Response – Using Bakhtin’s Lexicon Dialogicae to Interpret Canon, Apocalyptic, New Testament, and Toni Morrison. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

SNEED, Mark R. Introduction. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition?** New Prospects in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL Press, 2015.

SOUZA, Rodrigo F. de. A crítica da forma e o conceito bakhtiniano de Gêneros Discursivos. In: \_\_\_\_\_; LEITE, Francisco B. (Orgs.). **Literatura Cristã Primitiva: Olhares Bakhtinianos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

VALETA, David M. Polyglossia and Parody: Language in Daniel 1–6. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

VINES, Michael E. The Apocalyptic Chronotope. In: BOER, Roland (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

WEEKS, Stuart. Wisdom, form and genre. In: SNEED, Mark R. (Ed.). **There was a Wisdom Tradition?** New Prospects in Israelite Wisdom Studies. Atlanta: SBL Press, 2015.